

SOCIOLOGIA E EDUCAÇÃO: as contribuições de Bauman e Touraine para o pensar educacional em tempos de incertezas

*Edinaldo Enoque Silva Junior*⁴³

*Paulino Eidt*⁴⁴

RESUMO

Este artigo pretende contribuir para as discussões acerca da educação e da sociologia da educação a partir do pensamento de Bauman e Touraine. Com Bauman temos uma profunda análise da condição contemporânea denominada por ele de modernidade líquida assentada no processo da globalização da economia, do fim das fronteiras, da crise do estado nação e da crise das identidades. Por conseguinte, o processo de dessubjetivação do indivíduo tornando-se isca fácil dos interesses da Sociedade Consumo e dos detentores dos media afetando diretamente na educação dos jovens e na relação com seus pais e professores e consigo mesmos. Com Touraine buscamos compreender essa ideia de crise de modo positivo. Para a possibilidade de emergência daquilo que Touraine chama de Sujeito (conceito chave do seu pensamento) que por meio da ação individual encontra mecanismos de subjetivação e de possibilidades de interações baseadas no respeito e na amorosidade. A crise para Touraine seria positiva, pois possibilita a individualização e o conflito que libertaria o Sujeito dos mecanismos opressores apontados por Bauman.

Palavras-chave: Sujeito. Educação. Contemporaneidade.

⁴³ Pesquisador, graduado em História, especialista em Ciências Sociais pela Universidade do Oeste de Santa Catarina. Professor de História no Colégio Jesus Maria José. E-mail: enoquesmo@hotmail.com.

⁴⁴ Doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Professor titular da Universidade do Oeste de Santa Catarina. E-mail: paulino.eidt@unoesc.edu.br

SOCIOLOGY AND EDUCATION: THE CONTRIBUTIONS OF BAUMAN AND TOURAINE FOR THE THINKING OF EDUCATION IN TIMES OF UNCERTAINTIES

ABSTRACT

This article has as main purpose of contributing for the discussions of education and sociology of education starting from the thoughts of Bauman and Touraine. With Bauman, we have a profound analysis of the contemporary condition called by him of “liquid modernity” seated in the process of economic globalization, the order of the boundaries, the crisis of the State-Nation and the crisis of identity. Therefore, the process of the individual dis-subjectivation becomes an easy bait for the interests of the Consumption Society and for the holders of the media, directly affecting the education of young people and their relationship with their parents and teachers and along themselves. Through Touraine’s thoughts we seek to understand this idea of crisis in a positive way. For the possibility of the emergence of what Touraine calls Subject (key concept of his thought) that by means of individual action is subjectivity mechanisms and possibilities of interactions based on respect and loving. The crisis, for Touraine would be positive, since it allows the individualization and the conflict that would set the subject free of oppressive mechanisms pointed out by Bauman.

Keywords: Subject. Education. Contemporary.

INTRODUÇÃO

Pensar e fazer educação na atualidade consiste num exercício complexo. Se por um lado teoriza-se diversas estratégias de ensino-aprendizagem e cria-se leis e políticas educacionais para manter os alunos em sala; do outro, temos a realidade objetiva que abrange a economia, cultura, sociedade, mundo do trabalho e a família. Logo perguntas surgem: até onde é possível pôr em prática as propostas educacionais que visam o respeito, a reciprocidade, o amor, o conhecimento pelo conhecimento quando se acirra uma realidade de

competição, de consumo e de dessubjetivação do indivíduo? É possível existir um grau de autonomia e interdependência onde a relação com os meios de comunicação de massa, a globalização existam sem destruir o indivíduo? É possível uma relação onde o Eu não se perca em Mim Mesmo (EU narcísico de Touraine) e nem nos outros (Eu em si de Touraine), onde a possibilidade de vida em grupo se dê de modo recíproco, sem verticalizações?

A ideia que norteia esse artigo parte do princípio de que a sociedade, a cultura e as pessoas passam por uma profunda mudança,

independentemente se é chamada de pós-modernidade, modernidade tardia ou pós-industrial. Tais mudanças atingem todos os espaços do mundo globalizado. Todas elas envolvem o ser humano e seus constructos simbólicos, suas crenças ou descrenças, suas relações intersubjetivas e principalmente sua educação tanto familiar como escolar. Essas transformações são provenientes da globalização da economia e do mercado juntamente com os meios de comunicação de massa, da divisão internacional do trabalho, da sociedade de consumo, da informação e da fragmentação das identidades.

Pretendemos refletir esses enlaces e desenlaces a partir das análises de dois autores da sociologia: Alain Touraine e Zygmunt Bauman. É possível encontrar em Touraine e Bauman diversos pontos em comum e outros tantos divergentes. Logo pretendemos analisar essas diferenças e convergências para compreendermos melhor a realidade social em sua relação com a educação, com o professor, com o aluno e com a família.

Num primeiro momento abordaremos algumas análises do sociólogo Zygmunt Bauman, principalmente do livro: *Capitalismo parasitário* como uma espécie de diagnóstico do mundo contemporâneo e sua relação com a educação. Depois analisaremos as propostas de Alain Touraine para superar essa crise a partir da ideia de Sujeito.

Desse modo, pretendemos fazer um *de tour* sobre o pensamento sociológico de Bauman e Touraine visando a contribuição de ambos para a compreensão das mudanças que são tanto sociais quanto educacionais, morais, culturais etc.

Propondo estudar a sociologia de Touraine e Bauman em relação à educação pre-

tendemos também a análise observável, ou seja, da teoria à prática e da prática à teoria, logo esse trabalho se propõe dialógico como acreditamos ser a prática educacional, em consonância com as mudanças sociais. Logo não pretendemos confrontar as análises de Bauman e Touraine para saber quem está mais condizente com a realidade, do contrário, pretendemos nos embasar com a vasta produção de ambos para pensar de forma diferente e melhor a educação.

A escrita desse trabalho dialoga indiretamente com as respostas de entrevistas efetuadas com professores tanto do ensino superior quanto do ensino básico expondo suas impressões da educação, dos jovens estudantes bem como suas angústias, medos, frustrações, sonhos e esperanças.

ZYGMUNT BAUMAN: EDUCAÇÃO, CULTURA DA OFERTA E JUVENTUDE. O MUNDO VIROU UM IMENSO SHOPPING?

Ouve-se com frequência comentários desse tipo entre os professores: “essa juventude só quer roupas de marca X, tênis de marca Y, refrigerante Z, ficar na internet o dia inteiro e a família não faz nada. Tem tudo fácil, não precisa sofrer para conseguir nada, tem tudo na mão. O que será desses jovens quando ficarem adultos?” A sala de aula torna-se muitas vezes um campo aberto para larmúrias e disputas acaloradas sobre o que seria de um lado uma vida e consumo equilibrados e do outro os alunos com a ideia de quanto mais, melhor. Segundo Bauman (2010 p.42), “O consumismo de hoje não consiste em acumular objetos, mas em seu gozo descartável”. É marcante a profunda diferença de percepção entre jovens e adultos, principal-

mente professores, quanto à ideia de certo ou errado, presente e passado, consumo e desperdício. Há sempre a velha frase: *no meu tempo as coisas eram diferentes!*

No entanto:

As diferenças de percepção tornaram-se hoje tão multidimensionais que, ao contrário dos tempos pré-modernos, as gerações mais velhas não atribuem mais aos jovens o papel de “adultos em miniatura” ou de “aspirantes a adulto” – de “seres ainda não completamente maduros, mas destinados a amadurecer” (“a amadurecer até serem como nós”). Não se espera mais, nem se presume, que os jovens “estão se preparando para ser adultos *como nós*”: eles são vistos como uma espécie muito *diferente* de pessoa, destinada a *permanecer* diferente “de nós” por toda vida. As diferenças entre “nós” (os velhos) e “eles” (os jovens) não são mais um problema temporário que vai se resolver e evaporar quando os mais novos tiverem (inevitavelmente) que encarar as coisas da vida. (BAUMAN, 2010, p.64)

Parece dessa forma, que existe de certo modo a perspectiva de um continuísmo por parte dos “mais velhos” pais e professores na manutenção de um *status quo* baseados em suas experiências de vida. Logo, cria-se um desequilíbrio entre pais e filhos, mestres e alunos. “O resultado é que as velhas e as novas gerações tendem a se olhar reciprocamente com um misto de incompreensão e desconfiança (idem, p.64)”. Desse modo, longe de ser uma sociedade do equilíbrio, como deveria ser para os mais velhos, nossa sociedade torna-se uma sociedade do excesso. Bauman afirma que esse excesso leva inevitavelmente a mais excessos por que nossa juventude ávida e frenética de prazer; “se tornaram coletores de sensações” (2011, p.143). As sensações devem ser prazerosas, a dor deve ser evitada a todo custo. Não há motivos para as coisas durarem. A responsabilidade que a perma-

nência traz consigo é um elemento também descartável. Isso afeta diretamente o modo de pensar de gerações anteriores que tinham nos projetos a longo prazo uma das suas principais características.

Segundo Bauman (2010, p.42)

A capacidade de durar não joga mais a favor das coisas. Dos objetos e dos laços, exige-se apenas que sirvam durante algum tempo e que possam ser destruídos ou descartados de alguma forma quando se tornarem obsoletos - o que acontecerá forçosamente.

Se as coisas e os laços devem durar até a satisfação do prazer prometido na embalagem ou nos relacionamentos *ficantes*, o que dizer da educação? Se o processo educacional escolar é um produto durável, por vezes desconfortável e não muito prazeroso para muitos jovens é possível mantê-los atrelados a ela? Não muito. Pois segundo Bauman a educação, o conhecimento também se tornou um comércio. Se no topo, grandes corporações lucram com a produção desse conhecimento é por que existem os compradores que são os alunos.

Para Bauman (2010, p.43):

O consumismo de hoje não consiste em acumular objetos, mas em seu gozo descartável. Sendo assim, por que o “pacote de conhecimentos” adquiridos na escola e na universidade deveria escapar dessa regra universal? No turbilhão de mudanças é muito mais atraente o conhecimento criado para se jogar fora, o conhecimento pronto para utilização e eliminação instantâneas, o tipo de conhecimento prometido pelos programas de computador que entram e saem das prateleiras das lojas, num ritmo cada vez mais acelerado.

Desse modo, instala-se um verdadeiro mal estar docente e perguntas do tipo: “O que eu devo fazer para tornar minha aula signifi-

cativa? O que eu posso aproximar da realidade do aluno? Como eu posso tornar minha aula mais aprazível?” Questões que atormentam o cotidiano de muitos professores. Segundo Bauman essa preocupação está cada vez mais sem retorno, “[...] pois a sala de aula já há muito não é atraente para a maioria dos jovens pois, não é surpreendente que, na lista das capacidades fundamentais que os jovens são chamados a dominar (e desejam fazê-lo, impacientes), navegar supere amplamente os conceitos cada vez mais obsoletos de “indagar” e “aprofundar”” (idem, p.66).

Posto isso, o professor vê-se por vezes impotente em não conseguir aprofundar um tema qualquer; *parece que os alunos estão com preguiça de pensar cientificamente*, foi a declaração de um professor. Isso parece verificável, pois com o fim das grandes narrativas (e a educação moderna até certo ponto se enquadra no bojo dessa ruptura), temos início, segundo Bauman, da modernidade líquida: *onde nada é feito para durar*. Ademais:

[...] os adolescentes perdem alguns importantes sinais sociais porque estão muito concentrados em seus iPods, celulares ou videogames. Na sala de aula, percebo continuamente que não conseguem cumprimentar nem estabelecer contato visual.

Fazer contato visual ou permitir a aproximação física de um outro ser humano é sinônimo de desperdício, pois equivale a dedicar algum tempo, escasso e precioso, a “aprofundar”: decisão que poderia interromper ou impedir navegar em tantas outras superfícies convidativas. (Idem, p.66).

Nessa modernidade líquida do qual nos fala Bauman (2007) é possível que o professorado ainda seja o grande elemento que **não se liquefez** completamente, por isso sofre tanto. Idealista numa sociedade sem ideais

acredita na mudança que se distancia. Princípio da educação de outrora parece não se enquadrar mais no tipo de sociedade vigente.

A educação do tipo sólida entra em choque com a sociedade de tipo líquida. E uma das principais características do líquido é sua fluidez, sua capacidade de adaptação que não coaduna com imobilidade. Não que a educação seja imóvel no tempo e no espaço, mas parece imobilizada pelas transformações sociais.

Segundo Bauman (2008, p.42):

[...] a ideia de que a educação pode consistir ainda em um “produto” feito para ser apropriado e conservado é desconcertante, e sem dúvida não depõe a favor da educação institucionalizada. Para convencer seus filhos da utilidade do estudo, pais e mães de outrora costumavam dizer que “aquilo que você aprendeu ninguém vai poder lhe tirar”. Esta talvez fosse uma promessa encorajadora para os filhos deles, mas para os jovens contemporâneos, deve representar uma perspectiva horripilante.

Assim, um dos professores entrevistados se questionou: *afinal o que os alunos querem?* Numa redação aplicada em sala pelo mesmo professor, a turma foi unânime em escrever basicamente a mesma coisa: *uma educação que possibilite abrir as portas para um bom emprego, passar em um bom vestibular e ter uma carreira promissora*. Perguntados qual é a contra partida dada por eles para atingir esse fim, reclamaram da dificuldade da física, da história chata, entre outras. Ninguém abriu a possibilidade de má vontade por parte deles. Esse tipo de diagnóstico com certeza não é unanimidade, no entanto, com o tempo em sala de aula podemos observar cada vez mais raras exceções.

Mas se essas exceções existem, elas se

originam em sala de aula? Se não, se ela vem de fora nos remetemos invariavelmente ao parágrafo inicial desse texto: é da família o papel de preparar seu filho para ser um bom aluno? O que ela tem feito? Mas se sim, as exceções surgem em sala, o que a educação escolar tem feito para suprir essas diferenças? Subtende-se que a família das exceções agiu conscientemente para preparar seus filhos para a educação escolar. E que a escola não está preparada para trabalhar os menos preparados. Mas segundo Bauman tanto a família quanto a escola parecem não conseguir articular limites nos jovens tanto em casa quanto na escola, pois a promessa dos meios de comunicação de massa de uma vida sem limites é muito mais sedutora:

No passado, a educação assumia muitas formas e era capaz de adaptar-se às circunstâncias mutáveis, de definir novos objetivos e projetar novas estratégias. Mas, se me permitem a insistência, as mudanças presentes são diferentes das que se verificaram no passado. Em nenhum dos momentos decisivos da história humana os educadores enfrentaram um desafio comparável ao que representa este ponto limite. Nunca antes nos deparamos com a situação semelhante. A arte de viver num mundo hipersaturado de informação ainda não foi bem aprendida. E o mesmo vale também para a arte ainda mais difícil de preparar os homens para esse tipo de vida. (BAUMAN, 2010, p.60).

Logo, pensar a crise somente em termos de educação é um erro crasso. Se há um caos, ele está institucionalizado. O que parece haver sim é negação de culpa e a procura de um culpado, e a escola é um alvo fácil porque esta fragilizada. Como vimos é uma das únicas instituições que ainda não se liquefez. O problema não está menos dentro dos muros da escola como fora dela. Ao mesmo tempo, se tem observado um apelo a uma função

que não cabe à escola: o de pai e de mãe. Como afirma Touraine: “Educação é amor e autoridade”. O amor constituindo-se primeiramente na relação familiar e a autoridade a disciplina e o conhecimento científico na escola. Entretanto: “Em nosso mundo volátil, de mudanças instantâneas e erráticas, os hábitos consolidados, os esquemas cognitivos sólidos e as preferências por valores estáveis – objetivos últimos da educação ortodoxa – transformam-se em desvantagens”. (BAUMAN, 2010, p.47). Se de um lado a escola sucumbe em não dar conta totalmente do conhecimento científico, sucumbe duplamente no quesito, amor, carinho, afetividade e relacionamento recíproco.

Então surge a questão: que professor para que sociedade? Para formar qual tipo de indivíduo, se a própria identidade se esvai?

O que importa aos jovens é conservar a capacidade de recriar a “identidade” e a “rede” a cada vez que isso se fizer necessário ou esteja prestes a sê-lo. A preocupação de nossos antepassados com a identificação é substituídas pela reidentificação. As identidades devem ser descartáveis; uma identidade insatisfatória, não satisfatória o bastante ou que revele sua idade avançada deve ser fácil de abandonar: Talvez a biodegradabilidade seja o atributo mais desejado da identidade ideal. (idem p.69).

Ademais. O professor tem identidade? O que é ser professor hoje? Se as mudanças são profundas e os professores são a parte intelectualizada que está diretamente envolvida com esses alunos pós-modernos ele também não encontra diluindo-se quanto papel social? Esse trabalho procura jogar luz sobre o que a sociedade tem feito do homem e mulher quanto professor; pois não é ele também um consumidor, não assiste televisão, viaja, consome produtos de informática e usa rou-

pas e acessa a internet? A internet tem um poder fascinante sobre as pessoas.

A capacidade interativa da internet é feita sob medida para essa nova realidade. É a quantidade das conexões, mais que sua qualidade, que faz a diferença entre as possibilidades de sucesso ou fracasso. Ela permite manter-se informado sobre a “última moda” – os sucessos mais ouvidos, as camisetas da moda, os mais recentes e comentados festivais, festas e eventos com pessoas famosas. Ao mesmo tempo, ajuda a atualizar conteúdos, a redistribuir os traços característicos no retrato do próprio Eu e apagar rapidamente os traços do passado, os conteúdos e características já vergonhosamente ultrapassados. (BAUMAN, 2010, p.69).

Segundo um professor interlocutor: “já somos uma classe desfavorecida se nos mantermos fiéis aos nossos princípios e não nos adequarmos às transformações seremos além de desfavorecidos, excluídos, motivos de risos pelo atraso”.

Além das análises acima, parece existir uma espécie de nostalgia do *ser professor*, algo metafísico, perfeito, como se a vida humana simplesmente reproduzisse tipos ideais de homens e mulheres a serem seguidos e, impressionantemente o professor é um dos, se não o mais, idealizado.

Tanto os professores, quanto o restante das pessoas do mundo tendem a ser diferentes do que foram seus antepassados. A diferença na atualidade é a velocidade, a frequência e o conteúdo dessas mudanças “[...] os jovens não “estão se preparando para ser adultos como nós”: eles são vistos como uma espécie muito diferente de pessoa, destinada a permanecer diferente “de nós” por toda a vida”. (BAUMAN, 2010 p. 64). Será por isso que cada vez menos jovens querem fazer cursos de Licenciatura? Pelo fato da imagem do

ser professor não é atraente pela sua fixidez?

Cabe aqui uma interessante reflexão: A educação foi assentada em bases newtonianas, entretanto a sociedade é darwinista. Bauman (2010 p.67) reabre essa discussão dizendo: “Mas como fazer educação quando o mundo muda de uma forma que desafia constantemente a verdade do saber existente, pegando de surpresa até o “mais bem informado””.

Isso remete invariavelmente a proposta do sistema educacional que procurou manter sua estrutura num saber duro, inflexível e científico em detrimento ou em relação com o saber maleável, discursivo, líquido que se cunhou chamar informação. Por conseguinte, de um lado temos o conhecimento duro, imutável (newtoniano) para iniciados, e do outro a informação, o pastiche a anedota o sarcasmo para qualquer um. A pergunta não é saber qual é mais importante: professores, e demais intelectuais serão unânimes em suas respostas. Todavia, para o restante da população, no qual se enquadra os jovens, não é o mais importante e sim o mais interessante é o mais acessível e aprazível que surge como valor supremo.

Desse modo, a sociedade tende a tornar-se uma sociedade do brinquedo e do espetáculo? Segundo Debord, sim. Para Bauman: “O mundo dos nossos dias parece mais um mecanismo para esquecer do que um ambiente para aprender” (2010, p. 44).

Consequentemente, muitos educadores passam a desacreditar, e com razão, sua prática educacional. Se por um lado a família não cumpre como deveria seu dever de preparar o aluno para aprender com autoridade e amor, seja por que está trabalhando para manter o padrão de vida ou pela sobrevivência, seja por mudança de concepção dessas

famílias na qual a escola deve arcar com todos os aspectos da educação do seu filho: moral, social, intelectual, sentimental e afetivo. Instala-se, assim, tanto na sociedade quanto na educação, um diálogo vazio, uma condição de precariedade:

A precariedade, essa nova garantia de submissão, é maior porque abandonou as pessoas aos seus próprios recursos, lamentavelmente inadequados quando se trata de “controlar” sua condição atual, um controle forte o bastante para desencorajar pensamentos para mudar o futuro. O descomprometimento é o mais atrativo e praticado jogo [...] hoje em dia. (BAUMAN, 2008 p.20).

Nota-se, no entanto mais pesquisas deverão ser feitas para comprovar, que o professor volta-se a si mesmo. Sua prática individualiza-se e não há mais o famoso brilho nos olhos. Surge-se uma espécie de abandono ou resistência por parte dos professores que não se preocupam mais em ser a base intelectualizada da sociedade tendo em vista que sua luta não dá nenhuma garantia de um futuro melhor nem para si nem para seus alunos. Vitimizados, descomprometidos, ou desencantados com seu trabalho muitos se tornam dadores de aula e silenciam-se.

E para Bauman:

[...] o problema da condição contemporânea de nossa civilização moderna é que ela parou de questionar-se. Não formular certas questões é extremamente perigoso [...] o preço do silêncio é pago na dura moeda corrente do sofrimento humano. Fazer perguntas certas constitui afinal, toda a diferença entre sina e destino, entre andar a deriva e viajar. Questionar as premissas supostamente inquestionáveis do nosso modo de vida é provavelmente o serviço mais urgente que devemos prestar aos nossos companheiros humanos e a nós mesmos. (1999, p.5).

Na história, a autoridade do professor nunca sofreu tantos golpes como tem sofrido nas últimas décadas. Entrincheirado o professor observa tudo de longe sem poder de fato intervir. Há uma inversão no discurso do tipo: *Aquele aluno foi meu e passou em medicina*. Quando o mais correto seria: *que tipo de professor eu fui para que ele seja um bom médico e um bom ser humano*. Ou seja, uma espécie de produtivismo parece chegar gradativamente ao professorado. Segundo Bauman (2010, p.50): “neste mundo novo, pede-se aos homens que busquem soluções privadas para problemas de origem social, e não soluções geridas socialmente para problemas privados”. Assim, se o professor é um agente social e a ele cabe também a difícil tarefa de buscar soluções de problemas sociais que tem origem no privado qual é a solução possível? A ideia de Sujeito de Alain Touraine pode nos dar indícios.

ALAIN TOURAINE: O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA EMERGÊNCIA DO SUJEITO

Nenhum tema é hoje mais difundido do que a ruptura dos laços sociais. Os grupos de proximidade, a família, os amigos, o meio escolar ou profissional parecem estar em crise geral, deixando o indivíduo, sobretudo jovem ou idoso, sem cônjuge e sem família, estrangeiro ou migrante, numa solidão que conduz ou à depressão, ou à procura de relações artificiais e perigosas. (TOURAINE, 2005 p.84).

Embora a primeira vista não pareça, a sociologia de Touraine como ele mesmo diz é uma sociologia do otimismo. Assim como Bauman, Touraine descreve a atual civilização como caótica e transtornada. No entanto, ele vê ali a gênese do surgimento de um tipo de pessoa que antes não teve possibilidade de

nascer, porque as condições sociais assim o não permitiram: o Sujeito.

Touraine vê no Sujeito a possibilidade de redenção do ser humano. Tendo em vista que ele é condizente com a postura individualista da contemporaneidade. Todavia, é necessário demarcar que essa individualidade, para Touraine, é positiva e libertadora. “O Sujeito forma-se na vontade de evitar as forças que impedem de ser nós mesmos” (Touraine 2005, p.119). Coisa que Touraine sugere impossível em tempos idos pelas imposições dos metarrelatos; seja a religião, o partido, os comunitarismo, por exemplo:

Para que a consciência do sujeito se forme, é preciso que apareçam e se combinem três componentes. Primeiro um relação consigo, o ser individual, como portador de direitos fundamentais. O que marca uma ruptura com a referência a princípios universalistas, ou mesmo a uma lei divina. O sujeito é o seu próprio fim. Em segundo lugar, o sujeito só se forma, hoje como ontem, se entrar conscientemente em conflito com as forças dominantes que lhe negam o direito e a possibilidade de agir como sujeito. Finalmente, cada um, enquanto sujeito, propõe certa concepção geral do indivíduo. (TOURAINÉ, 2005, p.130).

Como vimos no texto do Bauman, a escola se mantém atrelada mesmo que indiretamente ao pensamento moderno, mas não da modernidade quanto filosofia, mas da modernização da técnica e da ciência como uso instrumentalizado da razão. Logo a escola tende a homogeneizar os alunos e as turmas num núcleo comum de pensamento e atitude como tipos ideais de agir e pensar para estarem aptos a viver em sociedade.

Pensando em formar cidadãos e cidadãs a escola se distancia da ideia de individualismo tendo em vista que isso pode ser da-

noso para a sociedade. E quando se tem alunos desviantes surgem os mecanismos de exclusão e diferenciação que para os métodos de ensino servem como punição mesmo que não sejam aceitos abertamente.

O que Touraine propõe é que recusar o individualismo é recusar a formação do Sujeito e, por conseguinte formar uma sociedade reprodutiva e acrítica. Touraine também vem contribuir para a sociologia da educação com a proposta de que não existe mais sociedade, ou se existe está com seus dias contados. Se não existe mais sociedade, ou o ideal de cidadão perfeito condizente com os interesses da maioria, o que temos? Touraine nos dirá que temos a cultura.

Segundo Touraine (2005, p.94):

A ruína da sociedade tem, é verdade, tantos aspectos negativos como positivos. Como eu já disse, a dessocialização conduz à destruição dos laços sociais, a solidão, à crise de identidade, mas ao mesmo tempo liberta das pertencas e das regras impostas. Ora, a modernidade não só não é enfraquecida, como se torna a única força de resistência a todas as formas de violência e é ela que compete reconstruir instituições que já não estarão ao serviço da sociedade, rebatizada “interesse geral” ou “bem comum”, mas ao da liberdade criadora de cada indivíduo.

Para Touraine a sociedade começou seu fim a partir de 1968 quando dos movimentos culturais. Movimento Hippie, Movimento das Mulheres, Movimentos Ecologistas, Movimentos dos Homossexuais etc. Para Touraine esses não são movimentos sociais e sim movimentos culturais e com essa ideia surge a possibilidade do Sujeito aparecer com maior força porque acredita que todos os movimentos são dignos de respeito e que cada grupo ao seu modo luta pela sua individualiza-

ção. Daí surge outro elemento importante para o surgimento do Sujeito que é o Ator Social.

É importante frisar que o Ator Social de Touraine não é o mesmo que o Agente Social que ele mesmo descrevia em seus estudos iniciais quando o agente estava diretamente relacionado ao partido ou algum grande motivo exterior a ele. O ator, age em causa própria, e em companhias de centenas que também atuam em causa própria permitindo auto satisfação e ao mesmo tempo transformações maiores, ou seja, no âmbito da sociedade, do indivíduo e da cultura, dignidade e aceitação. É um ator individual coletivo. Ocorre aí um descentramento da sociedade para o Sujeito. “Esta substituição de uma visão centrada na sociedade por uma visão organizada em torno do Sujeito pessoal manifesta-se melhor nas ideias sobre educação”. (TOURAINÉ, 1992, p.339)

Touraine acredita que a modernidade não é moderna, por isso ele não aceita a ideia vigente de pós-modernidade. Alude a possibilidade de ser pós-histórica ou pós-social mas se recusa em admitir a possibilidade de que vivemos numa sociedade pós-modernidade. Segundo ele, A modernidade proposta pelos humanistas, iluministas e por Descartes tomou outro caminho, ou seja, da modernização do uso da razão como instrumento de poder e dominação. Desse modo, ele acredita que no fio condutor das lutas culturais ressurja a modernidade que foi encoberta pelos interesses capitalistas pelos diversos totalitarismos que obscureceu a humanidade principalmente no século XX.

Assim, retornando aos ideais humanistas e iluministas de indivíduo e ao *cogito* cartesiano, ele retoma a ideia da constituição do

Sujeito baseado na libertação do individualismo deturpado pelo individualismo concorrencial, pelos papéis sociais e pela educação que seguiu os interesses da razão instrumental.

O sujeito só está presente no indivíduo se se libertar dos papéis sociais, bem como dos fragmentos da modernidade que, cada um à sua maneira, o destroem. O erotismo destrói o sujeito, o consumo também o destrói, o qual é procura de um nível social no mundo dos signos. E, de modo, bastante diferente, também o destrói a identificação com o trabalho e, de uma maneira mais geral, com os trabalhos coletivos que colocam a lealdade, o espírito de grupo e a mobilização guerreira acima da relação consigo próprio. (TOURAINÉ, 1992, P.334).

Na sequência, Touraine explica duas categorias importantes da fragmentação do Eu do Sujeito que podem ajudar a escola e o professorado que se interessam pela emergência do Sujeito. Primeiro, em resumo, é o que Touraine chama do Eu em Si ou SI-MESMO (self).

O eu só existe quando é invisível ao seu próprio olhar. Ele é desejo do Eu-mesmo e nunca seu espelho. Este princípio aplica-se, evidentemente, ainda mais às relações entre o Eu e o Si-mesmo, que é o conjunto de papéis sociais. O Eu só se forma através da ruptura ou distanciação em relação a estes papéis sociais. (Idem, p. 323).

Parece-nos que Touraine chama a atenção para a prática comum da representação. Ou seja, o Eu para-os-outros. Quando há essa preocupação e a educação se volta para formação de prestadores de serviços sociais o Eu ou Sujeito distancia-se o que impossibilita sua emergência.

É corriqueira a expressão de que os alunos vão para a escola *para ser alguém*. Touraine provoca o despertar de nós mesmos

rompendo com os papéis, as máscaras sociais das obrigações comunais e ir além. Além quer dizer para dentro. Para dentro e para fora, pois o Sujeito só se constitui na ação. Assim a educação teria papel inverso do que é e seria algo parecido com aquilo do que Nietzsche fala: “o papel do professor não é ensinar, mas sim libertar almas”.

Outra categoria importante do indivíduo que precisa ser destruída ou evitada para a efetivação do sujeito é o EU-NARCÍSICO:

A procura da identidade, tão obsessiva hoje em dia, não manifesta a vontade de ser um sujeito; ela é pelo contrário, a autodestruição do indivíduo, incapaz, por razões internas ou externas, de tornar-se sujeito. O narcisismo é uma forma extrema desta procura autodestrutiva da identidade. O vazio apela à plenitude, enquanto o sujeito é a relação indireta e sempre defasada do indivíduo consigo próprio através do outro e através da resistência à opressão. (TOURAINÉ, 2005, p. 333).

Assim, parece fácil explorar a exposição de Touraine sobre o SI-MESMO, o EU-NARCÍSICO e o Sujeito em cruzamento com o tipo de indivíduo trabalhado na escola e na sociedade.

Touraine defende o individualismo, mas um individualismo da ação, relacional e criativo que possibilite libertar o sujeito das correntes sociais e não permitir sua auto destruição tanto em si mesmo, quanto nos outros. A escola tem papel importante para esse fim?

Em toda parte! Quando alguns dizem: é preciso voltar a centrar a escola no aluno, a sua ideia básica é a de uma educação do sujeito, para o sujeito; pelo contrário, aqueles que se escandalizam e dizem: não, a escola deve ser antes orientada para a sociedade ou para o saber, põem em evidência a oposição entre a escola para a

sociedade e a escola para o sujeito. Mantenho, de maneira nada hedonista, que a escola deve ser centrada no aluno, no estudante, no indivíduo, e ajustá-los a tornarem-se sujeitos, sendo o conhecimento, bem entendido, um elemento fundamental para nos tornarmos sujeitos. (TOURAINÉ, 2001 p. 37).

Mas como isso é possível em uma sala de trinta alunos, por exemplo? Criando possibilidades para a ação individual de modo que o Sujeito surja da relação coletiva com seus colegas e professores sem verticalizações e sem, contudo, negligenciar o conflito, pois Touraine acredita que o conflito não a acomodação é a principal ferramenta para a emergência do sujeito.

QUAL O PAPEL DOS INTELECTUAIS?

Somos atacados por tantas dominações sociais, que não nos podemos defender apelando unicamente para uma instância superior, mas, pelo contrário voltando-nos para nós e tomando-nos por finalidade da própria ação. (TOURAINÉ, 2001, p. 301).

As contribuições da sociologia de Touraine nos permite vislumbrar uma possibilidade de educação que até certa medida pode parecer incompatível com a proposta educacional vigente que é socializar, adequar o aluno a viver em sociedade, de acordo com as leis e com as normas.

Touraine não se mostra contra as leis e as normas, porém se mostra contra ao conformismo sobre leis e normas que mais agredem que protegem o Sujeito, que enfatiza uma imagem sujeitada do sujeito, que para Touraine nem chega a ser sujeito pela inanição. Porém procura dar ênfase ao Sujeito libertado e libertador. Para tanto, Touraine acredita no conflito, na recusa e na participação ativa. Da possibilidade do Sujeito individual res-

peitando outro Sujeito individual organizar e descobrir melhores possibilidades de vivência. Assim cabe ao sujeito levar os outros a categoria de sujeito. É importante salientar, sem partido, sem credo e sem bandeira, numa individualidade coletiva movida pela ação.

Desse modo, os intelectuais dos quais os professores fazem parte devem possibilitar esse acesso do indivíduo ao ser Sujeito.

Para Touraine (1992 p.43),

Os intelectuais têm por tarefa principal a construção da aliança entre o Sujeito e a razão, a liberdade e a justiça. Como poderiam deixar de falar em nome da razão, quando ela é a única força face ao dinheiro, ao poder e à intolerância como poderiam deixar de defender o Sujeito, movimento de reflexão do indivíduo sobre si próprio, contra as ordens impostas, os interditos transmitidos e todas as formas de conformismo? O papel dos intelectuais deveria ser ajudar na emergência do Sujeito, aumentando a vontade e a capacidade de os indivíduos serem agentes da sua própria vida.

“No domínio da educação, onde se fala de socialização, é preciso falar de defesa da individuação” (TOURAINÉ 2001, p.32). Os detentores do saber, da razão e do intelecto que pensarem educação com base nas ideias de Touraine podem ser aqueles que prepararão melhor o indivíduo para destruir a ideia comumente aceita de que vivemos numa sociedade de massa, de consumo de massa, de comunicação de massa ou de produção em massa e possibilitar o indivíduo encontrar-se consigo mesmo naquilo que lhe dá prazer e que alimentem situações conflituosas consigo mesmo e que levem outros no caminho do Sujeito.

CONCLUSÃO

A sociologia de Bauman e Touraine contribuem sobremaneira para o pensar e o fazer educação: se nos textos de Bauman encontramos em profundidade um diagnóstico da sociedade contemporânea que para ele não parece mostrar grandes possibilidades de asunção do Sujeito temos ao mesmo tempo Touraine que nos ajuda a vislumbrar um luz no fim do túnel. Se é verdade, como acredita Bauman, que a sociedade está num estado de liquidez tal que o indivíduo se encontra sitiado por estruturas desestruturantes e que essa desestruturação das narrativas sólidas de um passado não muito distante limita a tomada de decisões e ações pontuais éticas e morais na vida das pessoas temos em Touraine, por outro lado, a imagem da utilização dessa mesma desestruturação para o surgimento do Sujeito baseadas na ação individual de cada um.

A educação tem a ganhar muito com as análises desses dois sociólogos, pois permite contribuir para o debate em torno das políticas educacionais e do fazer pedagógico no seu dia a dia. O professor ganha com esses dois pensadores, pois o ajuda descortinar o véu que cai sobre a escola e sua imagem vista como enfraquecida e sem energia criativa, mostra que toda a sociedade está em situações de mudanças e que essas mudanças por mais assustadoras que sejam possibilitam transformações positivas. Contribuem para que todos os professores de todas as disciplinas e grau de ensino entenda a sociedade e as diversas facetas dos nossos jovens, bem como as dificuldades da família desses jovens.

Touraine mantém vivo o otimismo de que a educação tem um valor elevado e im-

portante na sociedade, talvez mais importante do que em tempos idos pelo fato de que as demais instituições se mostram liquefeitas. O sujeito vem ao encontro das mudanças da sociedade não o inverso. Se a sociedade está individualizada, se as identidades estão em frangalhos a ideia do Sujeito vem positivar a individualização contra-atacando a massificação da cultura mediante a ação.

Bauman e Touraine elevam o pensamento social e educação à categoria de atitude e não de passividade como podemos notar no acanhamento de muitos professores e intelectuais e a inércia perante aos ditames da economia escravizante, da política corrupta e da natureza destruída.

Recebido em: fevereiro de 2013

Aceito em: abril de 2013

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- _____. BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. BAUMAN, Z. **Capitalismo parasitário**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- _____. BAUMAN, Z. **Vidas em Fragmentos**: sobre a ética pós-moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- TOURAINÉ, A. **Crítica da Modernidade**. Lisboa, Piaget, 1992.
- _____. TOURAINÉ, A. **A procura de Si**: diálogo sobre o sujeito. Lisboa: Piaget, 2001.
- _____. TOURAINÉ, A. **Um Novo paradigma**: para compreender o mundo hoje. Lisboa: Piaget, 2005.